

Quadrinista Ana Luiza Koehler resgata, em suas obras, as memórias de uma Porto Alegre em processo de modernização; construção do viaduto da Borges é o tema central de seu mais recente livro



reportagem cultural

Ana Luiza Koehler, entre becos e viadutos



Daniel Sanes, especial para JC

É uma típica manhã de quarta-feira no Centro de Porto Alegre. Corre-corre de pedestres, ambulantes tentando ganhar a vida, servidores em passeata por melhores salários. Desço apressado a General Paranhos e me dirijo para um café na antiga Rua do Comércio, onde fiquei de encontrar a entrevistada para esta reportagem.

A primeira vista, o cenário pode parecer estranho para quem lê – e com razão. Porque essa era a paisagem da capital gaúcha um século atrás. Se hoje General Paranhos é o nome de uma ruazinha no bairro Santa Cecília, antigamente batizava uma via entremeada por diversos becos, alargada para dar origem à avenida Borges de Medeiros. Naqueles tempos, a Rua do Comércio recém havia sido renomeada como Uruguai – antes disso,

também fora um beco, primeiro da Ópera, depois dos Ferreiros.

Acomodada junto a uma mesa logo na entrada da cafeteria, está a arquiteta e quadrinista Ana Luiza Koehler. Cumprimento-a, revelando que nunca havia entrado ali. Com um sorriso, ela observa que aquele era um prédio histórico onde, por muitos anos, funcionou uma tradicional loja de tecidos.

Essa Porto Alegre do passado é, ao mesmo tempo, cenário e personagem das obras da artista, que escolheu a linguagem dos quadrinhos para registrar o processo de urbanização da Capital a partir da década de 1920. Seus livros com a temática, *Beco do Rosário* e *Viaduto*, lhe renderam uma série de troféus HQ Mix, a maior premiação dos quadrinhos brasileiros.

Antes da consagração em casa, Ana construiu uma curiosa carreira no mercado editorial europeu.

Produziu muita coisa sob encomenda, especialmente para o circuito franco-belga de quadrinhos, e também ilustrações arqueológicas para exposições na Alemanha. “Trabalhava bastante com a reconstituição de paisagens que já não existem mais, fazia todo um cruzamento de dados de literatura, restos de sítios arqueológicos, mapas. Foi então que pensei: e se eu fizesse isso num quadrinho sobre Porto Alegre?”, lembra.

Em 2013, veio o impulso que faltava para desenvolver um trabalho mais regional. Ana foi convidada a criar as ilustrações da exposição *12.000 Anos de História – Arqueologia e Pré-história do Rio Grande do Sul*, para o Museu da Ufrgs, destacando a presença humana em território gaúcho e as relações dos migrantes com as populações já existentes.

Em sua dissertação, desenvol-

vida no Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da Faculdade de Arquitetura da Ufrgs, Ana decidiu mergulhar na história dos antigos becos de Porto Alegre, espaços excluídos do processo de modernização da cidade. Os resultados da pesquisa podem ser vistos no blog *Beco do Rosário*, alimentado com recortes de jornais, mapas e fotografias, entre outros registros coletados pela quadrinista ao longo de uma década.

Além de chamar atenção para as aceleradas transformações na paisagem urbana, o livro *Beco do Rosário* expõe o tratamento recebido por populações historicamente marginalizadas e removidas das áreas centrais. Não à toa, a protagonista é uma jovem negra, Vitória, que sonha em ser jornalista para expor as injustiças sociais. “Essas pessoas foram obrigadas a sair de suas casas ‘em nome do progres-

so””, reflete Ana.

Foram tantas histórias apagadas que *Beco do Rosário* ganhou uma sequência. Em *Viaduto*, já na década de 1930, Vitória e os demais protagonistas se veem diante da tumultuada construção do viaduto Otávio Rocha, o viaduto da Borges – obra faraônica que envolveu altos empréstimos, falhas de execução e até acidentes (um deles, fatal) com dinamite, usado para remover uma pedreira da avenida que nascia.

Só que o trem do progresso não para, e o próximo capítulo dessa história vai se passar durante o Estado Novo (1937-1945) de Getúlio Vargas. Ana acredita que o livro ficará pronto em 2027. “É um processo trabalhoso, pois envolve muita investigação, mas também apaixonante. Depois que a gente mergulha na história, fica difícil parar.”

Leia mais na página central



Antonio Hohlfeldt

Teatro

a_hohlfeldt@yahoo.com.br

Maria Helena Lopes, a dos espetáculos inesquecíveis

A eventualmente atriz mas, sobretudo, diretora e roteirista de teatro Maria Helena Lopes faleceu na semana passada. Natural de Pelotas, completou 90 anos de vida, depois de ser professora do Departamento de Arte Dramática da Ufrgs, entre 1967 e 1994, sendo uma das fundadoras do Grupo de Teatro Província, onde estreou com *Brecht em câmara*, de que fez a direção, e depois criou o Grupo Tear, em 1980, para desenvolver a investigação da linguagem teatral.

Maria Helena era uma figura pequena de altura, sorriso humilde, como quem pedindo desculpas por ocupar espaço. Mas era gigante enquanto artista e criadora, dona de uma simpatia extraordinária e uma disponibilidade inimaginável para com as pessoas. Ela deixou marcas fortes, inclusive no ator companheiro fiel de muitos espetáculos, Sérgio Lulkin, um dos artistas mais bem dotados que o teatro de Porto Alegre já conheceu e que, felizmente, continua firme e forte em cena.

Acompanhei Maria Helena desde a sua estreia como atriz, mas o primeiro impacto veio com *Flicts*, transposição do maravilhoso livro de Ziraldo para o teatro, tarefa que, em tese, seria impossível. Mas ela fez, num diminuto mas flexível espaço do então Centro Social Israelita, no Bom Fim. Foi um impacto. Ainda agora, ao escrever, fecho os olhos e tenho a cena à minha frente. Leveza, criatividade, poesia, a verve de Ziraldo trazida para a cena.

A *ópera dos três vinténs*, de Brecht, com direção de José Paulo Vasconcellos, ainda pelo grupo do DAD, no acanhado teatrinho da Salgado Filho; *O amante*, de Harold Pinter; *La pazzia senile*, do italiano Adriano Banchieri; e *Brecht em câmara* foram espetáculos que se seguiram. Maria Helena experimentava suas capacidades, abria alternativas de criação, e então chegou o Tear: *Crônica da cidade pequena*, a partir de m texto de Gabriel García Márquez, provocou outro impacto. O espetáculo valorizava tanto a palavra dramática quanto a presença corporal do

ator em cena, e isso se tornou a constância do trabalho de Maria Helena. Ela sempre experimentava: se não fosse para avançar nas potencialidades do espetáculo teatral, ela não se interessava.

Sucedeu-se *Quem manda na banda* (1981) e, de novo, outro impacto: *Os reis vagabundos* (1983). Maria Helena avançava sempre: em 1988 realizou *Império da cobiça*, a partir de Eduardo Galeano. Para quem dizia que ela era uma alienada, a resposta vinha certa. Seguiram-se uma experiência operística, com *La serva padrona*, de Pegolesi, e de novo o teatro em sua essência, com *Kallwae - A farsa do convidado obscuro*, do polêmico alemão Botho Strauss. Maria Helena ainda assinaria o renovador *Partituras: Os atos, as palavras e as metáforas* (1990), *Shakexperience* (1998) e *Solos em cena* (2001), creio que seu último trabalho de criação no palco.

Maria Helena foi homenageada, há poucos anos, com o Prêmio Eva Sopher, da Fundação Theatro São Pedro, mas não pôde receber pessoalmente a homenagem, por estar doente. É

triste, sempre, a gente observar uma pessoa tão extraordinária ser derrubada por uma doença. Mas ela resistiu e, felizmente, os registros escritos, alguns vídeos e fotografias, além de depoimentos de atores e colegas de atividade, mostram e evidenciam o talento e a dimensão magnificamente humana desta criadora, eu diria, inesgotável: ela sempre estava a prestar atenção à realidade imediata para dela retirar algo que melhor nos revelasse, que mais pudesse nos dizer a respeito de nós mesmos.

O teatro sul-rio-grandense e brasileiro deve muito a Maria Helena. Não por acaso, instituições de todo o País se manifestaram a respeito de seu falecimento. Ela formou pelo menos duas gerações de atores, sugeriu experimentos criativos na linguagem teatral e, sobretudo, empolgou, envolveu e fez sonhar a todos os que tiveram a alegria e a ventura de, como eu, terem assistido a seus trabalhos, todos eles inesquecíveis.

Ela sempre estava a prestar atenção à realidade para dela retirar algo que nos falasse a respeito de nós mesmos



Hélio Nascimento

Cinema

hr.nascimento@yahoo.com.br

A volta de um enigma

A reapresentação de filmes é cada vez mais rara, sobretudo na forma adequada. Deveria ser algo praticado com mais frequência, pois os novos processos de projeção valorizam a imagem e encaminham para o passado irregularidades e imperfeições causadas por desleixos na época da película em 35 milímetros. Mesmo assim - e algumas reedições eram feitas com perfeição a partir dos negativos originais - espectadores das últimas décadas do século passado puderam ver na tela certa clássicos, alguns da época do cinema silencioso. Atualmente, tais filmes sobrevivem em telas pequenas, um simulacro de cinema, mas que pelo menos permite que obras de importância continuem revelando parcialmente seus méritos e impondo sua perenidade. Mas as cinematecas e os centros culturais continuam sendo cidadelas de resistência, e há fatos a ser registrados, como a iniciativa da Netflix em adquirir

um dos maiores cinemas de Los Angeles e dotá-lo de todos meios de projeção, modernos e antigos, a fim de que filmes de todas as épocas possam ser devidamente apreciados. A volta de *Cidade dos sonhos* (*Mulholland Drive*), realizado em 2001 por David Lynch (1946-2025), é, portanto, algo a ser valorizado, pois permite que o filme, reeditado a partir do negativo original, possa ser devidamente apreciado e aplaudido por seus admiradores.

Lynch, prestigiado por séries de televisão e por filmes que, utilizando formas de expressão aparentemente corriqueiras, procuravam ser instrumentos reveladores de elementos ocultos da sociedade americana, tem em sua obra um título notável, *O homem elefante*, realizado em 1980. Ele também recebeu uma Palma de ouro em Cannes por *Coração selvagem*, em 1990. Em 2022, ele aceitou um convite de Steven Spielberg para interpretar o grande John Ford na cena final de *Os Fabelmans*, quando o cineasta de *A lista de Schindler* revelou ao público um episódio decisivo em sua vida. O curioso é que, pelo menos em *Cidade dos sonhos*, o cinema de Lynch está muito distante daquele do mestre de *Rastros de ódio*. Ford e os outros grandes

do cinema americano sempre cultivaram um cinema aberto para o público em geral. Nunca se preocuparam em criar algo obscuro, embora muitas vezes tenham desenvolvido, no mesmo filme, dois temas: um exposto por uma narrativa tradicional e outro visível no cenário, nos olhares e em símbolos captados pela imagem e vistos pelos mais atentos. Propunham uma leitura de um sonho. Esta técnica, que nunca expulsou o público das salas, espalhou-se pelo mundo todo, sendo, portanto, um erro vê-la apenas como uma tentativa de impor facilidades.

O filme de Lynch agora reprisado não deve ser visto como algo original. Na época, Buñuel já tinha realizado sua trilogia formada por *O discreto charme da burguesia*, *O fantasma da liberdade* e *Esse obscuro objeto do desejo*, obras presentes em *A cidade dos sonhos*, inclusive pela utilização das mesmas atrizes em papéis diferentes.

Além disso, a loira e a morena, clara citação do Hitchcock de *Vertigo*, serve para lembrar que aquele outro mestre nunca propôs ao público quebra-cabeças. Sempre terminou seu filme com a luz do esclarecimento. E até concluiu sua filmografia com uma atriz olhan-

do para o espectador e piscando um olho, como a dizer: tudo é apenas um filme. Mas não há como negar em Lynch habilidades e uma visão dotada de ironia. O olhar da aspirante a estrela de Hollywood e seu sorriso carregado de ingenuidade é perfeito para ilustrar uma fantasia desfeita por tudo o que depois acontecerá. Provavelmente, ele procurou resumir a questão na cena em que, de uma esquina, surge uma imagem capaz de causar espanto e horror. É fácil deformar a realidade e tornar difícil para o espectador esclarecer obscuridades deliberadamente procuradas. Difícil é ver no real os significados não percebidos num primeiro olhar. Quando o filme aqui foi lançado em maio de 2002, escrevemos uma crônica intitulada *Realidade soterrada*. Não há motivo para mudar de opinião, mesmo reconhecendo que os decifreadores de enigmas encontrarão material de seu interesse. Mas não é esta a função do cinema.

É fácil deformar a realidade. Difícil é enxergar no real os significados não percebidos em um primeiro olhar

fique ligado

Celebrando a diversidade

Para comemorar o aniversário de dez anos do disco *Eu vou fazer uma macumba pra te amarrar, maldito!*, que consolidou sua carreira no cenário nacional, o artista Johnny Hooker faz show em Porto Alegre neste sábado, no Bar Opinião (rua José do Patrocínio, 834). Ingressos no Sympla, entre R\$ 90,00 e R\$ 180,00.

No repertório do espetáculo, intitulado *Macumba 10 Anos*, o cantor pretende executar na íntegra todas as faixas do disco lançado em 2015. Sucessos como *Amor Marginal*, *Alma Sebosa* e *Volta* são algumas das canções icônicas que deverão estar presentes no setlist.

“Eu fico impressionado com o carinho do público por esse álbum, que até hoje segue vivo de várias maneiras. Isso mostra que o disco tocou algo profundo nas pessoas e ainda ressoa na memória afetiva de quem ouviu”, diz o cantor.



Johnny Hooker traz show *Macumba 10 anos ao Opinião*

CARLOS SALES/DIVULGAÇÃO/JC

Sophie Charlotte e Tom Veloso no Túlio Piva

O Teatro de Câmara Túlio Piva (rua da República, 575) recebe um show especial que une as vozes de duas grandes figuras do cenário brasileiro. Nesta sexta-feira, às 21h, o cantor Tom Veloso e a atriz Sophie Charlotte trazem seu show inédito para a capital gaúcha, com canções que unem faixas autorais com clássicos da bossa nova, do samba e da MPB. Ingressos no Sympla, entre R\$ 190,00 e R\$ 380,00.

A dupla formada por Veloso e Charlotte se conheceu nas aulas de violão de César Mendes, que incentivou a união profissional



Dupla faz show inédito de voz e violão nesta sexta-feira

FRED SIEWERDT/DIVULGAÇÃO/JC

firmada pelos dois artistas. O objetivo do espetáculo, segundo eles, é de criar uma atmosfera

intimista, com canções interpretadas exclusivamente através da voz e do violão.

Compositores românticos em recital da Ospa

O concerto *Beethoven e Bruch*, dedicado aos compositores românticos Ludwig Van Beethoven e Max Bruch, é a próxima atração promovida pela Orquestra Sinfônica de Porto Alegre (Ospa). O recital, marcado para às 17h deste sábado, conta com a condução do maestro paulista Cláudio Cruz e deve ser realizado no Complexo Cultural Casa da Ospa (av. Borges de Medeiros, 1.501). Ingressos entre R\$ 10,00 e R\$ 50,00 no Sympla; o show também pode ser assistido gratuitamente através do YouTube.

Uma das principais peças selecionadas para integrar o repertório é *Concerto para Violino e Orquestra nº1*, do compositor alemão Max Bruch. O número será apresentado pelo solista mineiro Lucas Bernardo Gonçalves, que integra a Ospa desde 2022.

Quanto às obras de Ludwig Van Beethoven, a apresentação se inicia com a Abertura composta para o balé *As Criaturas de Prometeu*, estreado em 1801, e segue, após o intervalo, pela *Sinfonia nº3*, concluída em 1804.

Teatro, dança e palhaçaria no CHC Santa Casa

O CHC Santa Casa (av. Independência, 75) apresenta mais uma das montagens vencedoras do seu edital de ocupação de artes cênicas de 2025. Desta vez, o selecionado foi *Das Cinzas Coração*, uma comédia que explora a problemática da desigualdade de gênero. A apresentação - uma mescla de palhaçaria, teatro, dança e cinema - tem duas sessões neste final de semana, realizadas na sexta-feira e no sábado, às 20h. Ingressos entre R\$ 19,00 e R\$ 38,00 no Sympla.

Agenda

- No sábado, quarteto argentino La Cantarola promove oficina de formação musical, às 16h, e show artístico às 20h, no Centro Cultural 25 de Julho (rua Germano Petersen Júnior, 250). Entre R\$ 35,00 e R\$ 100,00 no Sympla.
- Olho Mágico Bebidas Artesanais (rua Cauduro, 35) recebe sarau poético-musical às 19h de sábado com Antônio Carlos Falcão, para lançamento do livro *O amor caminha descalço*, de Tiago Dalcin. Couvert artístico a R\$30,00.
- Circuito Urbano Restinga promove atividades envolvendo a cultura hip-hop entre sexta-feira e domingo, das 9h às 20h, em diferentes locais do bairro Restinga. Entrada é gratuita.
- Performance *Ver Con Tus Oídos: Vocabulário Flamenco* tem apresentação na Casa de Cultura Mario Quintana (rua dos Andradas, 736) às 20h de sexta-feira. Entrada é franca, mediante retirada de senhas a partir das 19h no local.
- Taís Fagundes lança *Bergamota*, livro infantil que fala sobre a enchente de 2024, no sábado, às 10h, na Casa das Artes Villa Mimosa (av. Guilherme Schell, 6.270 - Canoas). Entrada é gratuita.
- Espaço Rei Pelé (av. do

Carnaval - Esteio) promove atividades gratuitas das 15h às 21h de domingo, em homenagem à Semana da África RS. Oficinas, apresentações culturais, desfile e gastronomia típica.

● BPE + Cultura reúne escritores e artistas para troca de vivências culturais em frente à Biblioteca Pública do Estado (rua Riachuelo, 1.190), das 12h às 18h neste sábado. Entrada é gratuita.

● Afonso Padilha leva seu show de *stand-up* ao palco da UCS Teatro (rua Francisco Getúlio Vargas, 1.130 - Caxias do Sul) às 19h de sábado; e no Teatro da Amrigrs (av. Ipiranga, 5.311) às 18h de domingo. Ingressos esgotados para Porto Alegre.

● Cantora Dida Larruscain participa do Samba do Quintana a partir das 16h de sábado, na Travessa dos Cataventos da CCMQ (Andradas, 736). Entrada é franca.

● Café Fon Fon (rua Vieira de Castro, 22) recebe shows de Nelson Coelho de Castro na sexta-feira (entre R\$ 80,00 e R\$ 90,00) e do Choro & Feijoada, no sábado (entre R\$ 70,00 e R\$ 80,00). Espetáculos têm início às 21h. Reservas pelo telefone (51) 99880-7689.

Universo Casuo e o fascínio do circo

A Trupe Circense Universo Casuo chega a Porto Alegre neste final de semana, trazendo a montagem *Grand Spectacle du Cirque*. No sábado, a companhia sobe ao palco do Teatro do Bourbon Country (av. Túlio de Rose, 80) às 21h, para uma performance que une música, humor e poesia. Ingressos, entre R\$ 120,00 e R\$ 270,00, no site Uhuu.

A companhia Universo Casuo foi fundada por Marcos Casuo, úni-

co brasileiro que já foi protagonista de uma obra do Cirque Du Soleil. O artista atuou na instituição durante oito anos, apresentando-se com o espetáculo *Alegria* para mais de 12 milhões de pessoas.

Em sua nova montagem, Casuo afirma que busca dentro de cada espectador “a sua essência de criança, os sentimentos mais doces, a pureza das emoções que habitam nossos sonhos”.



JEAN FRANCUA/DIVULGAÇÃO/JC

Grand Spectacle du Cirque estará no Teatro do Bourbon Country no sábado

reportagem cultural

Uma arquiteta dos quadrinhos

Daniel Sanes*

Ana Luiza Goulart Koehler nasceu em 12 de maio de 1977, no bairro Petrópolis. Filha de um cardiologista e de uma bibliotecária, herdou o amor pelos quadrinhos dos pais. “Os dois sempre cultivaram esse hábito, e passaram pra mim. Li muito Tio Patinhas, Tintim, Turma da Mônica”, diz.

O desenho acompanhou a leitura. Desde pequena, Ana já tinha em mente que queria criar histórias. Porém, percebia que os quadrinhos, como profissão, não seriam tão estimulados. “Naquela época não tinha essa coisa de colocar em uma escola de artes, de encarar como algo sério. A arte não era vista nesse nível – era, inclusive, desencorajada. O pensamento das pessoas era: ‘na hora que precisar trabalhar, ela vai fazer outra coisa’.”

O fato é que Ana nunca parou de desenhar. Entre os colegas do Colégio Farroupilha, ficou conhecida como a artista da turma. Seu talento logo chamou atenção de uma professora, que precisava de alguém para ilustrar um livro de idioma alemão. Foi seu primeiro trabalho na área, aos 16 anos. “Fiz isso durante algum tempo. Essa experiência me ajudou a entender como funciona o mercado editorial, a questão dos prazos, entre outros aspectos”, explica.

Na hora de escolher uma gra-

duação, viu-se diante de um velho dilema. “Tinha dificuldade de encarar o desenho como profissão, de ser valorizada e de convencer as pessoas de que aquilo iria dar certo. Cheguei a fazer teste para Artes Plásticas, mas sabia que não era exatamente o meu ramo. Optei por cursar Arquitetura na Ufrgs, meio na ‘força do ódio’”, brinca. “No fim das contas, acabei utilizando esse conhecimento de uma forma que não imaginava.”

Mesmo assim, os quadrinhos nunca saíram de seu radar. Pelo contrário: já em 2003, depois de um “mochilão” na Europa, teve

contato com as HQs francesas e ficou impressionada com a temática dos roteiros. “Eu só conhecia Mônica, Disney, super-heróis e um pouco de mangá. E os quadrinhos que descobri por lá falavam de história – das cidades, dos acontecimentos do país –, algo que sempre gostei.”

Empolgada, Ana começou a acompanhar o site da Dargaud, uma tradicional editora francesa que abria espaço para os leitores publicarem os próprios desenhos. Sem grandes pretensões, resolveu postar amostras de seu trabalho. “Cerca de um ano e meio depois,

dois roteiristas belgas (Fuat Erkol e Christian Simon) entraram em contato comigo, dizendo que viram meu trabalho no site e que ele se encaixava no projeto que eles queriam oferecer para algumas editoras. E assim fiz meu primeiro livro para o mercado franco-belga”, conta.

Publicado em dois volumes, em 2009 e 2010, *Awrah* é um romance gráfico que se passa em Bagdá, por volta do ano 800 – algo no estilo *As Mil e Uma Noites*. A partir dessa saga, a artista começou a ser requisitada para outros trabalhos, como *Carthage* e

Une Génération Française, sempre com ambientação histórica e cenários ricos em detalhes.

Embora a qualidade dessas obras seja inegável, as tramas retratam realidades bem distintas da brasileira. Além disso, as publicações nunca receberam tradução para o português, ficando à margem do mercado nacional de HQs. Essas questões foram determinantes para que a carreira de Ana tomasse um novo rumo. “Entendi que a história em quadrinhos que eu queria que existisse só iria existir se eu mesma escrevesse.”

ANTONIO MAINIERI/GOETHE-INSTITUT/DIVULGAÇÃO/JC



Ana Luiza Koehler na mostra *A Modernização de Porto Alegre em Quadrinhos*, em cartaz no Goethe-Institut de Porto Alegre

Ilustrações de Ana Luiza representam operários trabalhando na construção do viaduto Otávio Rocha



Nova história, novo visual

Se nos trabalhos sob encomenda os desenhos de Ana Luiza Koehler são realistas, em *Beco do Rosário* e *Viaduto* ganham contornos mais soltos, mas nem por isso menos expressivos. Para criar suas obras autorais, ela trocou o lápis pelo bico de pena – uma transição que não se mostrou nada fácil. “Foram dois anos de experimentações até me sentir confortável com essa técnica”, revela.

A mudança também é reflexo de sua pesquisa de mestrado. A artista se encantou com os desenhos utilizados

para ilustrar anúncios publicitários, revistas e charges nos jornais do início do século XX.

No blog *Beco do Rosário*, Ana dá detalhes sobre como tomou essa decisão: ela queria contar uma nova história e, para isso, precisava desenvolver um estilo que se relacionasse com o momento histórico retratado. “Inconscientemente ou não, fui naturalmente me dirigindo a reproduzir essa estética da época, cujo traço forte do nanquim sempre me fascinou e agradou muito.”

O que foi o Beco do Rosário

O Beco do Rosário foi uma antiga via localizada no Centro de Porto Alegre. No início do século XX, essa região era habitada por uma população diversa, incluindo negros libertos, imigrantes europeus e trabalhadores de baixa renda.

O beco ficou conhecido por sua intensa vida comunitária e por abrigar a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, que foi inaugurada em 1827 e serviu como importante centro religioso e social para a comunidade negra.

Nos anos 1920, como parte de um projeto de modernização urbana da Capital, o Beco do Rosário foi demolido para dar lugar à avenida Otávio Rocha. Esse processo resultou na desapropriação de imóveis, afetando significativamente as comunidades que ali residiam.



Exposição destaca obra autoral

Uma ótima chance de conhecer mais sobre o trabalho de Ana Luiza Koehler é a exposição *A Modernização de Porto Alegre em Quadrinhos*, em cartaz no Goethe-Institut (Rua 24 de Outubro, 112) até o dia 31 de maio. Com entrada gratuita, a mostra conta com páginas originais de *Beco do Rosário* e *Viaduto*, além de diversas informações sobre a história da cidade.

Responsável pela programação cultural do instituto, o jornalista e roteirista Augusto Paim lembra que conheceu Ana em 2010, quando os dois fize-

ram uma reportagem em quadrinhos sobre o Esporte Clube Juventude, de Caxias do Sul. Na ocasião, ficou impressionado ao receber os primeiros esboços que a quadrinista fez para o roteiro dele.

“Uau! Eram só esboços, mas feitos com tanta técnica e cuidado, que por mim já daria para publicar do jeito que estava”, revela.

Para Paim, é um orgulho ser conterrâneo e contemporâneo de uma artista dessa magnitude. “É incrível o carinho e a atenção que ela está dando

à nossa cidade. A memória e o futuro de Porto Alegre só têm a ganhar com o trabalho desenvolvido por Ana Luiza Koehler ao longo da última década.”

Na exposição, os visitantes também podem ver materiais de trabalho e vídeos da artista produzindo suas histórias em quadrinhos. Ainda é possível participar de um percurso com desenho e mediação histórica no Quarto Distrito, dia 10 de maio, com a presença da autora. As inscrições, limitadas, podem ser feitas pelo e-mail prog-portoalegre@goethe.de.

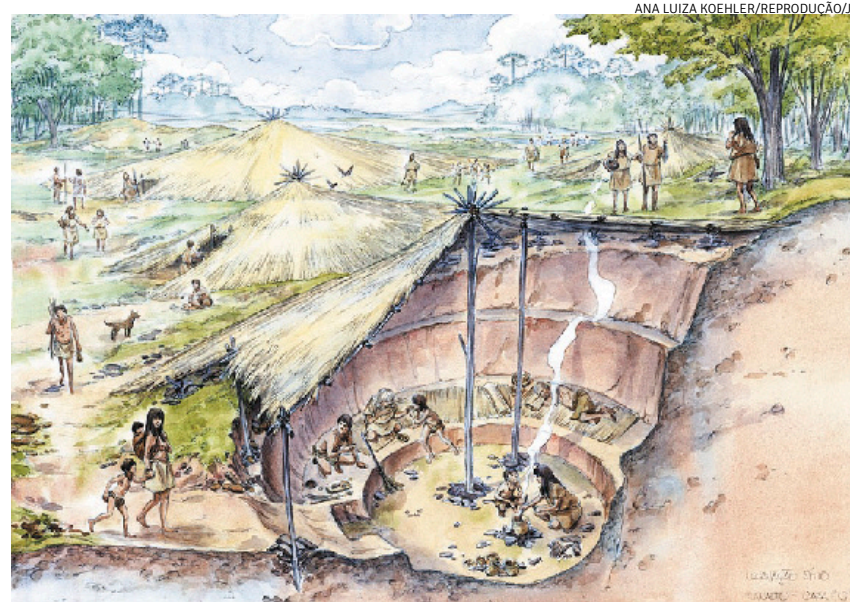


Ilustração para a exposição 12.000 Anos de História — Arqueologia e Pré-história do RS

Olhar diferenciado

Para os colegas de profissão, o reconhecimento de Ana Luiza Koehler é mais do que merecido. Edgar Vasques, que também tem em comum com a quadrinista a formação em Arquitetura, a considera uma artista clássica, “no sentido tradicional do termo”.

“Tudo no trabalho dela colabora para um resultado harmônico: pesquisa, roteiro, texto, desenho, projeto gráfico, edição. Com sensibilidade e talento, Ana Koehler vem fazendo nos quadrinhos o que alguns autores têm feito na literatura escrita: registrar a memória de Porto Alegre com a pegada do romance”, observa o pai do icônico per-

sonagem Rango.

A artista plástica, escritora e ilustradora Paula Mastroberti destaca a atuação de Ana como defensora das HQs e, especificamente, das quadrinistas. Tanto que em 2012 convidou a amiga para integrar o grupo Mulheres em Quadrinhos, página do Facebook que surgiu com a proposta de discutir a representatividade feminina tanto na criação quanto dentro das histórias.

“A Ana é uma força dentro desse universo, que, infelizmente, ainda é muito machista. Sou fã de seu traço e de sua capacidade de elaborar cenários. E ela tem uma qualidade rara no mundo dos quadrinhos, que é conseguir contextualizar social e culturalmente os personagens, dando vivacidade às histórias”, ressalta.

Outra integrante do Mulheres em Quadrinhos, a colorista Cris Peter também não poupa elogios à amiga. “Admiro demais o foco e a disciplina da Ana. Fora o trabalho fantástico que ela faz e que, por alguma razão, não alcança todo mundo que deveria. Tenho certeza de que todo o porto-alegrense ficaria feliz de ver a cidade pelas aquarelas dela.”

Publicado em 2023, *Viaduto* dá sequência aos acontecimentos de *Beco do Rosário*

Reconhecimento nacional



Lançado de forma independente em 2015, *Beco do Rosário* é uma obra multipremiada. A primeira versão, com apenas um volume, faturou o Troféu HQ Mix, considerado o “Oscar dos quadrinhos brasileiros”, na categoria de melhor publicação independente. Uma exposição sobre a obra, promovida pela Galeria Hipotética, também recebeu a honraria.

Em 2020, o segundo volume foi publicado, juntamente com o primeiro, pela editora Veneta, em edição viabilizada pelo projeto Rumos Itaú Cultural. Na esteira dessa obra, mais quatro troféus HQ Mix: edição especial nacional, desenhista, colorista e arte-finalista.

No ano passado, Ana repetiu os feitos como colorista e desenhista, por *Viaduto*. Além disso, foi uma das vencedoras da categoria Mestres do Quadrinho Nacional na 40ª edição do Troféu Angelo Agostini, a mais antiga premiação de quadrinhos do Brasil.

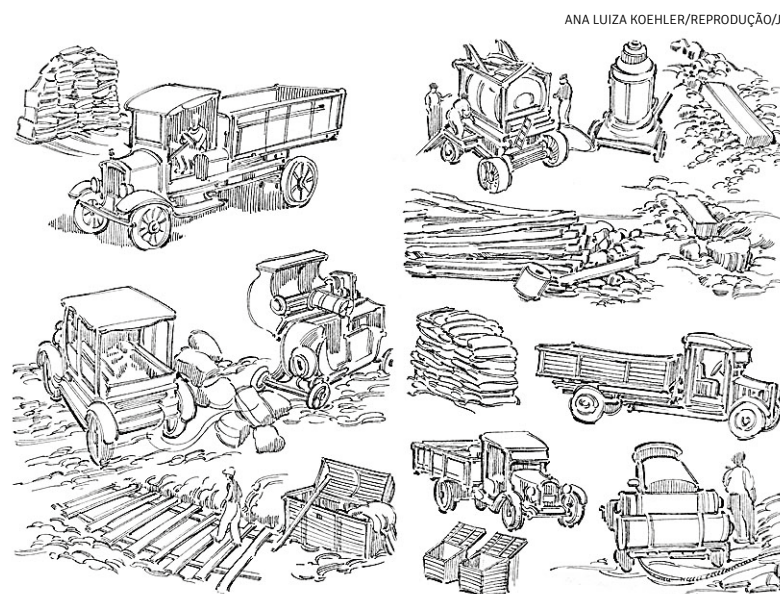
Uma artista multitarefas

Além de criar suas próprias HQs e ilustrar trabalhos para outras pessoas, Ana Luiza Koehler dá aulas de desenho e pintura. Os cursos são oferecidos online, na loja virtual analuzakoehler.iluria.com, assim como livros, originais, gravuras e outros produtos. Ela ainda conta com um site pessoal, analuzakoehler.com, onde também fica hospedado o blog *Beco do Rosário*.

E não para por aí: no Instagram e no YouTube, Ana faz questão de registrar seu processo de criação, com vídeos em que demonstra as técnicas e os materiais utilizados. “Acredito que, dessa forma, a gente consegue aproximar mais as pessoas da arte. Só não consigo fazer mais porque dá um trabalho”, justifica.

Sócia da Editora Hipotética, a jornalista Iriz Medeiros pôde testemunhar de perto esse envolvimento entre a artista e o público. A extinta galeria que hoje dá nome à editora não só sediou a premiada mostra sobre *Beco do Rosário* como recebeu vários cursos de desenho e aquarela conduzidos por Ana – sempre com turmas cheias e grande troca com os alunos, como ressalta Iriz.

“Além de excelente desenhista e aquarelista, ela tem uma grande motivação por trás de todo o seu trabalho: a pesquisa histórica. É essa paixão que envolve tudo, é essa paixão que transborda das páginas que ela cria. Porto Alegre tem sorte de contar com uma artista tão apaixonada pela história da cidade”, diz a editora.



Detalhes do maquinário revelam preocupação da artista com precisão histórica



Daniel Sanes é jornalista formado pela Universidade Católica de Pelotas. Já foi repórter e editor no *Jornal do Comércio*. Hoje, trabalha na *República* – Agência de Conteúdo e atua como freelancer.

nas telas

Cinebiografia de Ney Matogrosso

Protagonizado por Jesuíta Barbosa (*Tatuagem e Praia do Futuro*), *Homem com H*, de Esmir Filho, acompanha a intensa trajetória de Ney Matogrosso desde a infância até se tornar uma das grandes figuras da música e cultura brasileiras. O filme acompanha a origem em Bela Vista no Mato Grosso do Sul e os constantes embates familiares em razão dos preconceitos de seu pai,

até o sucesso em São Paulo, quando sua voz única e veia performática se destacam no conjunto Secos & Molhados, em meio à repressão da ditadura militar. Passando por cada fase de sua carreira, *Homem com H* conta a história de vida de um ícone artístico, demonstrando sua identidade revolucionária e arrebatadora e o ímpeto libertário de sua arte.



Jesuíta Barbosa é o astro de *Homem com H*, estreia nos cinemas

Descobertas de uma adolescente indiana

Vencedor do Prêmio do Público de Melhor Filme no Festival de Sundance, *Sempre Garotas*, de Shuchi Talati, é um *coming of age* que retrata a rebeldia e as descobertas sexuais de uma jovem adolescente indiana. Em um internato conservador no Himalaia, onde as meninas são policiadas ostensivamente para

proteger sua ‘virtude’, a jovem Mira é exemplo de disciplina e responsabilidade. Porém seu mundo perfeito é abalado com a chegada de Sri, novo aluno da turma por quem se apaixona. Mas Sri também desperta o interesse da sua sogra, Anila, mãe jovem e extrovertida com quem Mira não consegue se entender.

Adaptação sombria de clássico da animação

O clássico curta de animação *Steamboat Willie* (1928), dirigido por Walt Disney e Ub Iwerks, foi a estreia do personagem Mickey Mouse e, recentemente, tornou-se de domínio público. A obra ganha uma releitura macabra em *Screamboat: Terror a Bordo*, dirigido por Steven LaMorte e que chega

neste fim de semana aos cinemas brasileiros. O filme acompanha um grupo de passageiros a bordo da última balsa da noite em Nova York, que se veem encurralados por um rato assassino em alto-mar. Cercados pela água e pelo medo, eles precisam sobreviver aos ataques brutais da criatura.

palavras cruzadas diretas

www.coquetel.com.br

© Revistas COQUETEL

Óbice para o desenvolvimento pleno do Brasil	País africano do Museu do Bardo	Abismo oceânico	Planta que realiza o heliotropismo	Movimento artístico da Semana de 1922
Prima, noa e laudes (Catol.)			Resposta comum da "vaca de presépio"	
Manifestação de des- controle emocional				Feitos ou constitui- dos de bronze
Condição social do artista famoso		Estado do Bumbó- dromo (sigla)	Decâmetro (símbolo)	
Rã, em espanhol			Ázia (Med.)	
Matutos (bras.)			Córtex (?) - frontal, região do cérebro	
"Muito riso, pouco (?)", dito popular		O gado que fornece a morcela		
Juiz (entre os muçul- manós)		Coude- laria	Língua de origem da palavra "namastê"	
		O menor mês		Título de nobreza de Elton John
Tablados para exe- cução de condenados	Deus Sol do Egito Antigo (Mit.)	Doença crônica de Che Guevara		
Rezava		Gás de letreiros de motéis		
Aquele que é impiedoso e vingativo (p. ext.)			(?) da Silveira, psiquiatra brasileira	Terminal de instala- ções elétricas
"O Prín- cipe (?)", ópera de Borodin		Condições Normais de Temperatura e Pressão (sigla)		Músculo do abdome (Anat.)
Que contém as cinzas de pessoas mortas		Saudação esotérica		
	Esporte de Robert Scheidt			
Ocorrência coberta pelo seguro		Salomé, em relação ao rei He- rodes (Bíb.)		
Intento do claustrófo- bo em elevadores		Princesa Isabel, em relação a Pedro I	Albert Sabin, virologista dos EUA	
Ex-colônia francesa na Indochina				

BANCO 3/sit. 4/laos — rana. 5/ênos — haras. 6/arigos — pélagio. 7/nêmesis. 30

#FaçaCoquetel

Assine e receba no conforto da sua casa!

www.assinecoquetel.com.br

Acesso nosso site!

COQUETEL

Solução														
S	A	O	S	O	A	T								
A	O	E	N	E	R	I	A	S						
O	M	S	I	A	I	O	N	A	D					
S	O	I	R	A	E	N	I	C						
P	N	C		R	O	G	I							
		S	I	S	E	M	E	N						
N	O	E	N	A	V	A	R	O						
A	M	S	V	E	R	A	E	N						
S	O	S	A	L	F	A	D	C						
S	I	R	O	H		I	A	C						
O	N	I	N	S	O	S	I	S						
E	R	E	P	S	O	G	I	R	A					
N	E	M	A	V	A	N	A	R						
E	D	A	I	R	A	T	U	P	O					
O	M	S	I	R	E	T	S	I	H					
M		G	P	D										

horóscopo

Gregório Queiroz / Agência Estado

Áries: O amor está particularmente exaltado para os arianos, que se inebriam com afetos imensos e universais. Impulso para viver plenamente o que sente. Você está inebriado.

Touro: Os sentimentos amorosos tendem agora a ser secretos ou, então, serem vívidos escondidos. Mesmo assim são intensos e você precisará vivê-los de alguma maneira.

Gêmeos: Você se envolve e se encanta com pessoas do ambiente social. Alguma delas ganhará o foco de seus sentimentos e desejos. Algo pode acontecer entre vocês.

Câncer: Você encontra pessoas com os mesmos interesses e desejos que você. Uma nova associação ou participação profissional pode se decidir no dia de hoje.

Leão: Você se encanta com a arte e os conhecimentos humanistas. As pessoas também lhe encantam e você quer se envolver com elas. Veja o que pode fazer de prático com isso.

Virgem: Há algo de inebriante e de inalcançável em seus desejos em relação à pessoa amada. Você deseja ir o mais fundo possível, e isso exige que você saia de suas seguranças.

Libra: Um encontro irá lhe fascinar por completo. Talvez alguém do ambiente social, talvez a pessoa com quem você já convive. Subitamente, renasce a magia entre vocês.

Escorpião: Importantes encontros de trabalho irão ocorrer por agora. Mais até do que apenas trabalho, é o que pode haver em tal encontro. Pode haver alguma afinidade forte.

Sagitário: Aspirações elevadas nos campos amoroso, sentimental e criativo. Você se encontra com a pessoa e na situação certas para viver um grande romance, uma grande criação.

Capricórnio: A intimidade nas relações afetivas e familiares é agora bastante intensa. Você precisa encontrar um ambiente ou condição no qual se sinta em casa, se sinta no seu ninho.

Aquário: Você se encanta com as pessoas com quem convive, e alguém especial irá se destacar dentre todas as outras. O dia gira em torno das relações, dos encontros e dos afetos.

Peixes: Momento especial para os negócios, os contatos e os interesses financeiros junto a outras pessoas. Também no amor você poderá ter experiências bastante especiais e inebriantes.



Jaime Cimenti

Livros

jcimenti@terra.com.br

Edda Mussolini, a mulher mais perigosa da Europa

Edda Mussolini (Crítica - Editora Planeta, 432 páginas, R\$ 109,90), da jornalista e biógrafa inglesa Caroline Moorehead, apresenta a biografia da filha favorita de Benito Mussolini e retrata o desmoronamento do sonho fascista na Itália. Edda, nos vinte anos de governo fascista italiano, foi considerada a mulher mais perigosa da Europa e protagonizou alguns dos momentos mais desafiadores do século XX.

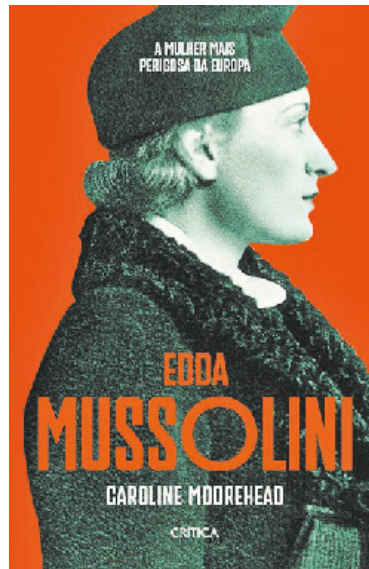
Aos dezenove anos, Edda começou a ser a estrela mais exótica do movimento. Durante os treze anos que esteve na vanguarda da ditadura, às vezes era a confidente mais próxima e única amiga do pai. Ela tinha doze anos quando Mussolini chegou ao poder. Mimada e adorada pelo pai, foi enviada para a Alemanha e para o Reino Unido, e desempenhou papel importante na orientação da Itália para se aliar a Hitler. A partir dos vinte anos foi efetivamente a primeira-dama italiana,

assumindo o papel que seria de sua mãe, Rachele.

Seu marido, Galeazzo Ciano, foi o ministro de Relações Exteriores mais jovem da Itália e eles eram o casal mais celebrado e glamoroso da sociedade fascista italiana. Por questões políticas e por opor-se a Mussolini, Galeazzo foi executado com a conivência do Duce, em 1944.

A enigmática, determinada, complexa e audaciosa Edda fugiu para a Suíça. Sua pessoa e sua vida estão envolvidos em realidade e fantasia e sua história mostra a pompa e as intrigas políticas da Itália fascista, bem como a turbulenta decadência que precedeu seu violento fim.

Num momento mundial em que tanto se discute sobre direita, esquerda, centro e outras alternativas, conhecer por dentro o fascismo é essencial para entender muito do que acontece nestes nossos dias tumultuados. Mussolini produziu



Edda e ela representa o que o fascismo fez e não fez. Ela não aceitou a cultura misógina em que cresceu e que se acentuou com o crescimento do fascismo.

É uma obra, claro, para entender o fenômeno Giorgio Meloni, que há dois anos e meio é primeira-ministra da Itália e tornou-se líder mundial.

e palavras...

DIA DO TRABALHO

O Dia do Trabalho começou a ser celebrado a partir de uma famosa greve em 1886, em Chicago, nos Estados Unidos, que pleiteava a redução da jornada de trabalho de 13 a 17 horas por dia para oito diárias. Desde então a data é comemorada em cerca de oitenta países. Alguns chamam a data de Dia do Trabalhador, outros de Dia Internacional do Trabalhador ou Dia 1º de Maio. Pensando bem, seria bom se fosse o Dia Internacional do Emprego.

Com a Revolução Industrial, o aumento da produção de bens veio junto com a precarização das condições de trabalho. Na Suécia em 1890, após movimentações, a jornada ficou em oito horas diárias. Na França, em 1919, foram aprovadas oito horas diárias pelo Senado. No Brasil, em 1924, começaram as comemorações do 1º de maio e em 1943 foi criada a Consolidação das Leis do Trabalho, para modernização no setor.

O trabalho é a relação pessoal geralmente mais longa que as pessoas têm na vida, e nela são mais ou menos felizes e realizadas. Desde os tempos bíblicos o trabalho esteve associado com pecado, suor, esforço, castigo, instrumento de tortura e, desde sempre, quem podia se escapava do trabalho e colocava os outros a trabalhar. Mas o fato é que a história do trabalho humano é um dos capítulos mais bonitos da história universal. O sonho seria ver todos os adultos trabalhando com a seriedade, a alegria e a concentração de uma criança brincando.

O mundo de hoje tem

Muito trabalho, pouco emprego. Milhões estão na atividade informal, especialmente depois do coronavírus, dos desastres ambientais e outros problemas globais. A questão do emprego e do trabalho é crucial, num momento em que, na história do mundo, nunca houve tanta concentração de renda.

Inteligência artificial, tecnologias modernas, especialmente eletrônicas e digitais, aplicativos e outros progressos estão deixando milhões à deriva, pessoas que não têm qualificação para o trabalho. O desafio é gigante. Máquinas não podem e não devem substituir totalmente as pessoas. O olho no olho, o convívio presencial, a conversa do cafezinho, a contação de causos variados e o abraço físico não podem morrer.

O que mais diferencia os humanos dos outros animais é a linguagem e não a razão. Os humanos não podem abrir mão das histórias, da linguagem e do contato físico com o mundo e com as pessoas. O trabalho é quando o ser humano está mais conectado consigo mesmo e, na medida do possível, o ser humano precisa do ócio criativo, aquele momento de 'nadismo' para colocar seus sonhos e sua criação em dia e depois partir para enfrentar os leões reais.

Oito horas de trabalho por dia, oito de descanso e oito de diversão é uma boa e antiga fórmula, vinda lá dos operários ingleses do século XIX. É mentira que quem inventou o trabalho não tinha o que fazer e que o melhor é ficar horas assistindo os outros trabalharem.

a propósito...

Tomara que essa meninada esperta das *startups*, os estudiosos e administradores encontrem ocupação para os milhões que estão fora do mundo do trabalho. Tomara que se criem formas de tornar o trabalho e seu ambiente mais saudáveis e felizes. Doenças e licenças são ruins para todos, custam caro. Melhor prevenir. As empresas sabem que trabalhadores felizes produzem mais e melhor. No Japão e outros países algumas

empresas tem intervalo para ginástica, meditação etc. Bom, já fiz a minha tarefa. Se não está melhor, não é por falta de experiência. Há trinta anos escrevo aqui. Trabalhe feliz como uma criança até o que der. Faça como os japoneses, não se aposente totalmente. Mexa-se, ocupe-se. Labor omnia vincit - O trabalho vence tudo: estava e está escrito no prédio do meu colégio em Bento Gonçalves. Fui. (Jaime Cimenti)

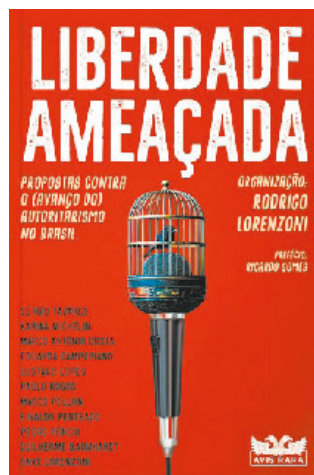
lançamentos



► **07-07-2007** (L&PM Editores, R\$ 69,90, 336 páginas), do consagrado escritor, ator e roteirista italiano Antonio Manzini, narra o pior dia na vida do lendário Subchefe de Polícia Rocco Schiavone, muito conhecido de romances anteriores. Numa chuvosa Roma, o mal-humorado e inescrupuloso policial vai atrás de quem esfaqueou dois jovens e matou um. Manzini é um dos reis do policial *noir*.



► **Uma história da velhice no Brasil** (Vestígio, 320 páginas, R\$ 74,90), da multipremiada escritora Mary Del Priore, autora de mais de cinquenta obras, trata dos idosos ao longo dos séculos, com base em documentos. Desde os indígenas, passando pelo Brasil Colônia até hoje, Mary mostra como a igreja e a medicina tratam do tema. Obra importante para tratar bem os idosos.



► **Liberdade ameaçada** (Avis Rara, 192 páginas, R\$ 36,50), organizado pelo deputado Rodrigo Lorenzoni, com prefácio de Ricardo Gomes, traz textos de Guilherme Baumhardt, Karina Michelin e Gustavo Lopes, entre outros, sobre o avanço do autoritarismo no Brasil. É bom lembrar que o preço da liberdade é a eterna vigilância.

pensando cultura



De acordo com dados levantados pela organização Nonada Jornalismo, a sustentabilidade financeira é um dos principais gargalos para escritores, livrarias e editoras no Rio Grande do Sul

Mapeando os desafios da literatura no Sul

Gabrieli Silva

A literatura no Rio Grande do Sul acaba de ganhar um retrato inédito. A pesquisa *Mapeando a Cena Literária*, realizada pela organização sem fins lucrativos Nonada Jornalismo em 2024, revelou a força, a diversidade e também as dificuldades enfrentadas por quem movimentam o mercado editorial gaúcho.

Com mais de 450 agentes entrevistados – entre escritores, editoras, livrarias e feiras literárias –, o levantamento mostrou que a sustentabilidade financeira ainda é um dos principais entraves para o setor. Entre os dados mais expressivos, 93% dos escritores afirmaram que a escrita é um trabalho paralelo, insuficiente para garantir o sustento.

A maioria complementa a renda com atividades como docência, serviço público e aposentadoria.

Além disso, o perfil dos escritores revela um setor ainda marcado por desigualdades: 65% têm pós-graduação, 5,6% se autodeclararam pretos e 7,6% pardos, o que aponta a necessidade de políticas de inclusão racial no campo literário. A renda média dos agentes gira em torno de cinco salários mínimos, o que também indica a dificuldade de acesso de pessoas de baixa renda à profissão.

As editoras também enfrentam obstáculos importantes. A pesquisa apontou que 60% delas têm a distribuição como seu maior desafio, e 32,3% faturam menos de R\$ 5 mil mensais. A produção editorial concentra-se

nos grandes polos urbanos, especialmente Porto Alegre, e a maioria das casas publicadoras tem catálogo reduzido. As enchentes de maio de 2024 agravaram a situação: 64,6% das editoras foram afetadas, mas a maioria não recebeu auxílio público.

As livrarias, muitas com mais de uma década de existência, também precisaram se reinventar. Embora 64,8% delas atuem há mais de 10 anos, apenas 28% faturam acima de R\$ 50 mil por mês. Para enfrentar a concorrência de grandes varejistas online, muitas apostam em curadorias especializadas e eventos culturais presenciais, buscando se consolidar como espaços de encontro e debate. O estudo ainda revelou que 79,6% das livrarias trabalham com

editoras que promovem temas raciais, de gênero ou sociais, reforçando o papel das livrarias como agentes de transformação cultural.

Outro pilar do cenário são as feiras literárias, que mostram tradição e resiliência: 63,1% já realizaram mais de 15 edições. No entanto, 69,6% dos organizadores apontam a falta de patrocinadores como o principal desafio para a continuidade dos eventos. As catástrofes climáticas recentes impactaram fortemente as feiras – quase metade foi afetada pelas enchentes de 2024 –, reforçando a necessidade de políticas de apoio emergencial.

Segundo João Ricardo Xavier, presidente do Clube dos Editores do RS, a pesquisa confirma

a força do setor, mas também evidencia a urgência de incentivo público. “É necessário que o poder público veja o setor como importante para a economia e incentive cada vez mais a abertura de livrarias e editoras”. Rafael Gloria, organizador do projeto, reforça: “o levantamento legitima o trabalho literário e mostra que literatura é trabalho – e, como tal, precisa de estrutura, reconhecimento e investimento”.

O mapeamento, realizado com financiamento da Lei Paulo Gustavo, é considerado um marco para o fortalecimento do mercado editorial gaúcho e será ferramenta estratégica para políticas públicas de cultura no Estado. O estudo pode ser acessado através do site www.nonada.com.br/mapeandors/.